

‘General Groenewald pertence ao grupo que assassinou Samora’

- segundo o deputado da AR, Teodato Hunguana, que reiterou que a tragédia de Mbuzini foi concebida, preparada e executada pelo ‘apartheid’

O DEPUTADO da Assembleia da República pela bancada da Frelimo, Teodato Hunguana foi ontem ao Parlamento, no espaço reservado as comunicações antes da ordem do dia, trazer a público revelações interessantes sobre o acidente aéreo de Mbuzine que vitimou o Presidente Samora Machel e membros da sua comitiva.

Hunguana pretendia, deste modo, clarificar

alegadas inverdades e distorções de factos relativos a declarações produzidas pelo ex-general sul-africano Groenewald, antigo chefe da Contra-Inteligência Militar do regime do “apartheid”, sobre o despenhamento do avião do Presidente Machel, em 19 de Outubro de 1986. Pela importância e oportunidade de tal pronunciamento, passamos a publicar na íntegra:

Senhor Presidente da Assembleia da República

Excelência
Senhores Deputados

Nas últimas três ou quatro semanas a opinião pública no nosso país tem sido agitada por declarações produzidas por um tal general Groenewald, antigo chefe da Contra-Inteligência Militar do regime do "apartheid", declarações essas acerca do despenhamento do avião do Presidente Samora Moisés Machel, em 19 de Outubro de 1986. Nas referidas declarações o general reconhece formalmente, e sem margem para qualquer dúvida, que foi o regime do "apartheid" que provocou o despenhamento do avião presidencial.

Poderíamos ser tentados a considerar que nada de verdadeiramente extraordinário há nessas declarações, uma vez que todos nós já sabíamos que tinha sido o regime do "apartheid" o autor daquele crime. Mesmo a afirmação de que haveria moçambicanos envolvidos na conspiração não seria nova.

Mas na realidade existem pelo menos três aspectos que devem reter a nossa atenção ao tentarmos compreender o que se está a passar e que são os seguintes:

- O de ser a primeira vez que um alto responsável do regime do "apartheid" vem reconhecer publicamente a autoria do crime de Mbu-zine;
- O de ser pela primeira vez que se indica o nome de um moçambicano pretensamente envolvido na conspiração;
- O contexto em que as declarações foram produzidas pelo ex-chefe da Contra-Inteligência do "apartheid".

Porque ninguém está indiferente a tudo o que possa trazer à luz total e definitiva sobre a tragédia de Mbu-zine, quero, deste pódio da AR, compartilhar algumas certezas e convicções, e também dúvidas, apreensões e interrogações.

Senhores Deputados

Em primeiro lugar quero sublinhar que não se pode duvidar de que o general Groenewald, pelas funções que então desempenhava, realmente saiba a verdade sobre o que se passou em Mbu-zine naquele fatídico 19 de Outubro de 1986. Ele sabe por dever de ofício, ele sabe como parte essencial da máquina que concebeu, preparou e executou a operação.

A questão que se deve colocar é por que razão, sabendo da sua directa responsabilidade no crime de Mbu-zine, vem agora confessar. E porquê agora precisamente?

Ora, a intenção do general Groenewald não era a de confessar o crime, mas fundamentalmente a de dizer que não cometeram sozinhos o crime. Com efeito, ao apontar o dedo acusatório para Moçambique, o ex-chefe da Contra-Inteligência tenta diluir ou reduzir a sua directa responsabilidade, e tenta deslocar a questão principal da responsabilidade do regime do "apartheid" para a eventual responsabilidade acessória de moçambicanos, certos e incertos. Este era com toda a evidência o objectivo único das suas declarações: apontar o dedo aos moçambicanos. Só que nesse esforço ele traiu-se, descuidou-se, e acabou por, involuntariamente, confessar o crime.

Por isso quando toma consciência do erro cometido, ou quando os comparsas puxam as orelhas ao general, ele tenta retratar-se, tenta dar o dito por não dito. Assim, no domingo fez declarações e na segunda-feira seguinte disse que não disse o que dissera no domingo.

É com este tipo de gente que se está a lidar.

Estes são os senhores que, em 1986, face ao desenvolvimento da luta de libertação conduzida pelo ANC e apesar do Acordo de Nkomati concluem que é preciso envenenar por medidas drásticas para neutralizar o que consideram como uma das principais bases de apoio da luta do povo sul-africano. Três alternativas são então colocadas na mesa:

- **Invadir Moçambique e ocupar a capital;**
- **Organizar um golpe de**

Estado;

- **Assassinar o Presidente.**

A percepção de que tinham feito a terceira opção emergiu das acções que se seguiram e em que se destacaram as ameaças dirigidas directamente ao Presidente pelo regime do "apartheid", semanas antes do dia 19 de Outubro, particularmente na voz do general Magnus Malan, então Ministro da Defesa. As ameaças fizeram-se acompanhar da infiltração de comandos especialmente treinados para executar esse tipo de

operações e da instalação de uma zona militar com concentração de tropas junto à fronteira com Moçambique.

De entre outros ficou notável a precisão da análise premonitória de Carlos Cardoso, publicada em despachos da AIM, e que concluía expressamente que o regime do "apartheid" queria atentar contra a vida do Presidente.

Portanto, o general Groenewald pertence a este grupo restrito de pessoas responsáveis pela concepção, preparação e execução do crime de Mbu-zine.

São estes mesmos que, logo no dia 20 de Outubro de 1986, e prévio a qualquer mínima investigação, declararam que era "óbvio que se trata de um acidente".

São os mesmos que declararam que havia mau tempo, contra

todas as evidências.

São os mesmos que declararam que os pilotos eram inexperientes, com os *curricula* a provarem o contrário. Declararam que o avião era obsoleto e os sistemas eram obsoletos, com a data de fabrico e o equipamento a provarem o contrário.

São os mesmos que naquela noite de 19 de Outubro instantaneamente se encontraram no local do despenhamento mas só mais de oito horas depois anunciaram que tinham encontrado os destroços.

São os mesmos que quando lá chegaram, longe de prestar assistência aos feridos sobreviventes, precipitaram-se que nem abutres sobre os destroços na vasculha de documentos.

Mas são ainda os mesmos que na manhã do dia 20 de Outubro deram ordens ao porta-voz da Renamo, o Sr. Paulo Oliveira, para estar em *stand-by* a fim de receber instruções no sentido de reivindicar o despenhamento do avião presidencial, como façanha da sua organização na guerra que travava contra Maputo.

É que a operação tinha sido preparada de forma que o avião caísse em território moçambicano, mas a uma distância da fronteira que lhes fosse fácil ir verificar ou terminar o serviço no terreno. Porém, e contrariamente ao plano, os cálculos falharam por escassas centenas de metros, caindo o avião nas colinas de

Mbu-zine, dentro do território sul-africano.

Por isso tiveram de anular o papel que tinham destinado à Renamo de reivindicar o abate do avião. Mas este é apenas um exemplo elucidativo do papel da Renamo em toda essa guerra de desestabilização movida pelo regime do "apartheid" contra o nosso país.

Senhores Deputados

Na informação prestada à Assembleia Popular, em treze de Janeiro de 1987, a Comissão Nacional de Inquérito concluía que os factos que acabo de referir resumidamente, e outros que não mencionei por economia de tempo, indiciavam claramente as causas e os autores da catástrofe, mas que seria difícil enquanto esses autores controlassem o poder descobrir-se toda a verdade.

O regime do "apartheid" caiu mas nem por isso pudemos ter acesso de imediato a essa "toda a verdade". E isso tem a ver com a forma como caiu, porque não se tendo verificado um desmoro-namento mas uma complexa transição negociada, naturalmente os mandantes do regime organizaram-se para preservar os seus segredos e garantir desse modo a sua tranquilidade no pós-"apartheid".

Aquilo a que estamos a assistir agora não é o início da revelação desses segredos a bem da verdade como alguns podem ser levados a crer. O que estamos a assistir é uma tentativa de gerir esses segredos de forma a alcançarem os resultados que não conseguiram alcançar no passado, através da guerra de desestabilização.

Na realidade, senhores deputados, se fosse a bem da verdade esses senhores teriam ido falar na Comissão da Verdade e Reconciliação que funcionou durante muito tempo na África do Sul. Não foram e não foi por acaso.

Não foram porque sabiam que esta não se iria prestar a manobras de meias verdades ou afirmações e acusações sem substanciação de provas. Sabiam que para além do que dissessem teriam de responder às questões e interrogações que a Comissão da Verdade e Reconciliação colocasse. Mais, sabiam que se lá fossem acabariam todos por

ter de responder desde os mais pequenos até ao topo da pirâmide do "apartheid", isto é; desde os operativos que estavam estacionados e emboscados nas colinas de Mbuzine até ao Pieter Botha, passando pelos generais Magnus Malan, Groennewald e outros responsáveis do "apartheid". Teriam que lavar toda a roupa suja do regime e esse seria um risco incomportável para eles. Por isso não foram à Comissão da Verdade e Reconciliação.

Agora vêm fazer declarações nos órgãos de comunicação social cientes de que estes não os podem obrigar a responder às questões ou interrogações que se suscitam a partir das declarações que façam.

Senhores Deputados

Por que razão então escolheram este momento para fazer as declarações que fizeram há semanas atrás?

Para compreendermos este "timing" devemos ter presente o que dissemos antes, isto é que estamos a lidar com aqueles mesmos que sustentavam directamente o regime do "apartheid" e que conduziram a guerra de desestabilização contra o nosso país.

Embora o regime do "apartheid" tenha caído e hoje estejam fora do poder, estes senhores não desistiram. É assim que se explica o recente surgimento de grupos armados da extrema direita, a existência de planos de sabotagem de infra-estruturas e de listas de dirigentes a serem abatidos, incluindo Nelson Mandela e Thabo Mbeki, com o objectivo de provocar o caos e mergulhar a África do Sul na guerra civil, no termo da qual pudessem, de algum modo, restaurar a supremacia e a dominação perdidas.

Para esse efeito eles consideram que Moçambique pode constituir uma base importante de relançamento ou de apoio à sua acção, para isso bastando que consigam operar as mudanças que não lograram alcançar com a guerra de desestabilização.

Estamos portanto perante a continuação da guerra de desestabilização, ajustada agora às novas condições de paz e de democracia.

Nós vamos entrar num período eleitoral decisivo, em 2003 e 2004, e os centros de comando já concertam as estratégias que lhes assegurem que desta vez não seja permitido à FRELIMO ganhar.

Para tentar neutralizar a FRELIMO esses centros de comando estratégico concluíram que era necessário lançar a FRELIMO contra a FRELIMO, isto é mergulhar a FRELIMO numa discussão intestina que a desgaste e esgote, reduzindo-lhe,

nesse exercício, as possibilidades de vitória nas eleições que se avizinham.

Por isso esses centros de comando dão tiros em Lisboa, como foi no caso da Universidade Moderna, para serem ecoados e prolongados em Maputo, pelos seus acólitos e instrumentos de sempre, como vimos incluindo aqui na AR.

Agora o tiro foi a partir de

JHB, através das declarações do general Groennewald, e vimos como esses acólitos e instrumentos de sempre foram afoitos e pressurosos a ecoar e a prolongar as declarações do general, incluindo aqui na AR, em cartazes alegre e orgulhosamente exibidos à vista de toda a gente. Alegres e orgulhosos porque, como no passado, estão sempre às ordens para cumprir o que lhes mandam fazer, e às vezes nem precisam de ordens porque lhes bastam simples estímulos para reagirem pavlovianamente.

Portanto fazem declarações e acusações sem fundamento e sem provas em Lisboa ou em JHB contra moçambicanos certos e incertos, e os seus acólitos em Maputo convocam conferências de imprensa exigindo que esses moçambicanos provem que aquelas acusações são falsas. O que significa que de agora em diante nós deveríamos ficar à mercê de quem eles, em cada momento, escolham acusar, para correrem atrás das acusações a fim de provar o que eles decidiram a seu bel-prazer acusar. É sem dúvida um insulto à inteligência dos

moçambicanos quando aqueles mesmos a quem tinha sido distribuída a tarefa de reivindicarem o despenhamento do avião do Presidente Samora, como acção de guerra, vêm hoje proclamar que também estão interessados em saber quem matou Samora.

No cúmulo da hipocrisia mais despudorada chegam a dizer que eles não lutavam

contra Samora, que eles nem sequer eram inimigos de Samora.

Dá para pensar que durante todos esses anos eles lutavam contra ninguém, à excepção do povo moçambicano massacrado nos caminhos e nas estradas, nas aldeias e povoações, nos machimbombos e nos comboios.

Basta senhores de tanta demagogia barata e de tanta e execrável hipocrisia.

Senhores Deputados

O que está em causa para estes senhores que fazem declarações, e para estes senhores que as ecoam e prolongam, não é e nunca foi a

verdade sobre Mbuzine, que aliás eles conhecem muito bem.

Para eles a única coisa que interessa é servir-se de Mbuzine e, a todo o custo, alcançar o poder em Moçambique, para porem em prática o programa que tinham ao longo dos anos da guerra, que não ganharam, programa que por isso não puderam implementar.

Por isso não hesitam em usar

o sangue de Samora, que eles verteram, para tentar dividir e tentar liquidar o Partido de Samora, o Partido FRELIMO.

Assim, enquanto cospem sobre esse sangue derramado em Mbuzine vertem lágrimas de crocodilo e dizem que também querem saber a verdade que só eles conhecem na totalidade.

Mas nós, por respeito à memória dos nossos mortos, dos heróis e mártires tombados em Mbuzine e em tantos outros lugares do nosso país, não deixaremos que essa manobra passe.

Porque depois de assassinares Samora uma vez seria sacrilégio inominável permitir que o matem segunda vez utilizando o seu sangue para destruir a FRELIMO, o Partido de Samora. Porque na verdade o general Groennewald não visa apenas uma pessoa mas toda a direcção da FRELIMO, isto é; toda a FRELIMO.

E fique claro que não me estou pronunciando sobre a existência ou não de moçambicanos de algum modo envolvidos na conspiração. Estou-me pronunciando apenas sobre a natureza e os objectivos das declarações de quem assume que cometeu o crime mas não quer falar no tribunal, preferindo os jornais.

Esta manobra não pode passar porque a FRELIMO, como forja e alicerce da unidade do povo moçambicano, não se deixara confundir ou dividir.

Permanecerá ainda mais firme, coesa e determinada, para enfrentar os desafios que se aproximam. E sairá vitoriosa.

Este é um penhor de respeito pela memória do Fundador da República e de respeito pelos

sacrifícios consentidos desde a Luta de Libertação Nacional, na luta pela consolidação do nosso Estado, na luta pela libertação do Zimbabwe e na luta pela libertação da África do Sul.

Este é um imperativo histórico, um imperativo de dignidade, um imperativo de sobrevivência como Nação e como Estado.

E quanto às vossas terrenais lágrimas de crocodilos esfaimados podem banhar-se e embriagar-se nelas porque não podem ter outra utilidade.

Na certeza de que a luta continua e a vitória é certa, agradeço a atenção que Vossas Excelências me dispensaram.